

# A língua o ensaio a possibilidade<sup>1</sup>

Hugo Milhanas Machado

*Esta poesia obriga o leitor a olhar para as palavras, e não através delas.*  
Adílson Monteiro

*e tremulina a mão se move a mesa vira verdade é o mesmo que  
mentira ficção fiação tesoura e lira que a mente toda se ensafira e  
madriperla e desatina cantando o pássaro por dentro por onde o canto  
dele afina a sua lâmina mais língua enquanto a língua mais lamina*  
Haroldo de Campos

*Senhoras e senhores:*

Convém-me pensar a língua que hoje me leva a estender a mão sobre o papel (e que de igual forma dela recebe *existência e valência espacial*) não como mero acessório de funcionamento transitivo, como artífice e instrumento de comunicação – e penso na comunicação mais trivial, a do dia a dia de cada um de nós, se bem que esta, a comunicação-texto, também se lhe possa alistar – mas, essencialmente, a língua como estado de si mesma. Isto é, a língua enquanto ela própria, só língua, nada mais. Penso a língua sem lhe dizer o nome, a língua aquém de qualquer roupagem, de qualquer sistematização de usufruto, legislatura a que poderemos chamar pragmática – ou mesmo programática; uma língua, portanto, em pleno estado material, mineral, no sentido em que por exemplo o está a rocha quando extraída da sua natural filiação: matéria-prima, pois. Diria S.J. Schmidt de uma língua em perfeito estado de *possibilidade*, o que além de encantador em cor poética, é também a aproximação mais funcional e clara para alumiar este lugar, esta ideia de onde pretendo partir.

*Uma língua que pode ser.* Ora, antes de mais, uma língua *naturalmente* democrática – ou antes, *democratizada*: o movimento será de recuo, de afastamento, de dissidência, quase como a de Lord Chandos, salvas as diferentes legitimações, ao optar pelo mutismo quando mais nenhuma palavra lhe serve. Uma democracia que vem tirar do mundo a língua, emancipá-la ao uso corriqueiro, corrente, que vem desfazer a casaca que desde o primeiro dia e desde o primeiro homem tem vindo a agrilhoar o jogo do signo perante a necessária nomeação desse mesmo mundo – uma língua que se institui como código auto-suficiente,

---

<sup>1</sup> Palestra lida por ocasião do Simpósio “40 Aniversari de L’EOI de València”, 30/31 de Março de 2007.

como lei de (por) si mesma, autónoma. Ou, a bem dizer, como lei de lei nenhuma. Código de código nenhum.

Parece, este pequeno balanço preliminar, um verdadeiro manifesto da Poesia Concreta surgida por volta dos anos 50: perspectivas similares no que toca a este isolamento deliberado da coisa-língua, posturas estéticas igualmente próximas. Seria no entanto pouco operacional – e cuidado com o termo! – retomar aqui, ou mesmo apostolar, uma poesia que teve o seu tempo – porque o tem, a poesia, se pelo menos a pensarmos teleologicamente, se e quando isso for afinal possível – e que, embora ainda hoje continuem a vir a lume obras muito significativas de artistas como o consagrado Antonio Gómez e o *novíssimo* Gonzalo Escarpa (fico-me por estes dois exemplos, ainda que mais próximos da poesia visual – ramificação, por assim dizer, da poesia concreta), não deixa de ser – dizia, a poesia concreta nascida nos anos 50 – um marco poético mais ou menos delimitado no cardápio literário da segunda metade do século XX. Uma poesia cujo desvanecimento, nota-o Schmidt, cedo se apressou pela exagerada e estranguladora especulação (em função) do novo, da novidade, especulação de natureza crítica, vinda pois de fora para dentro, que, ignorando e oprimindo o que tinha esta poesia de “problemática própria”, de sistema autónomo e sério, minou em definitivo a (não-compreendida) aspiração do seu programa. Será forçosamente outra a poesia de um tempo outro, o nosso. Outra a língua, da mesma forma. Se evoco a poesia concreta, é sobretudo interessado na sua atitude redentora perante a língua, agilizando-a, trazendo-a de volta a si mesma; com efeito, não me parece decisiva uma abordagem mais próxima e insistente sobre as profundas incidências teóricas desta poesia, muito embora fascinante uma tal atenção: é do ensino das línguas e literaturas que quero falar.

Visto está que me é de todo o interesse pensar essa mesma língua-minério não segundo pressupostos gramaticais e linguísticos mas atléticos. Isso mesmo, atléticos. Afinal, trata-se de ginástica, não de gramática. E tem-me sido muito insistente este pensamento, esta associação do engenho motor, físico, simultaneamente delicado e possante, ao espanto da língua – e, *concretizando*, ao espanto da atitude poética perante a língua. De facto, revela-se-me assim a razão maior da poesia concreta: trazer a língua a si mesma, ao seu exercício, ao apurar do seu músculo. Bom, talvez toda a poesia tenha nesta uma sua razão maior: mas é com os concretistas, repercutindo os estímulos de Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, James Joyce ou Guillaume Apollinaire, que se liberta e isola a palavra como palavra, ela mesma, e se define, concentra e qualifica (feita poesia) essa estrutura dinâmica de *tensão de palavras-coisas no espaço-tempo*, citando o “plano-piloto para poesia concreta”, subscrito, em 1958, por Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Em suma, a língua despojada das restrições do (uso

do) discurso. Lembra-me, esta atenção perante a língua, a dança, o trabalho do corpo na busca de uma perfeita auto-consciência, do conhecimento da sua motorização, do tamanho dos seus movimentos, da elasticidade do seu gesto, enfim, da sua agilidade – da sua poesia. E também o actor, ensaiando-se a voz, todo o corpo como aparelho de fala, de respiração – e aqui evoco o *teatrum laboratorium* de Jerzy Grotowski, para quem tão fundamental em arte era o corpo, todo o corpo, como verdadeira e animada máquina para o exercer do estético, estético veiculado por um teatro *pobre*, feito apenas de actor e público. Tão certa pois aquela muito antiga educação que aprimorava o exercício e a elegância elástica do corpo humano sabendo que só dessa flexão, dessa dobrar-se sobre si mesmo, poderia a sociedade – digamos mesmo, a humanidade – aspirar a uma justa, nobre e correcta postura vertical. E não se diz ter sido, paradoxalmente, tanto e tão distinto tempo depois, o século XX o século do corpo?

Corre-se por estes dias a Volta a Castilla y León em ciclismo. Apetece-me recorrer a uma imagem, claro está, vinda da actividade desportiva, atlética, para melhor dizer a língua que aqui tento pôr em evidência. Digamos que o ensino da língua corresponde, fazendo a transposição para o ciclismo, àqueles primeiros anos em que o formando, de tenra idade e imerso na glória dos seus ídolos – de Merckx, Coppi, Agostinho, Hinault, a Indurain, Cipollini, Jalabert ou Armstrong, todos eles desfilando no seu imaginário em *crenques* e de amarelo vestido – aprende (o petiz, dizia), em primeiríssimo lugar, a montar uma bicicleta, a pedalar. Aventura-se depois, disciplinado o equilíbrio, em outras embalagens, mais velozes, experimenta as diferentes *desmultiplicações* da máquina, corre. Chega um dia em que o técnico arrisca um primeiro palpite: serás *trepador*; ou antes, se o jovem ciclista for mais avantajado fisicamente, um *rolador*, talhado para o contra-relógio; ou não: o petiz parece ter bom poder explosivo, será *sprinter*; ou, prognóstico raro, porque desmotivante nestas idades, talvez venha a ser um *equipier*, *aguadeiro*, nunca um campeão. De uma forma geral, portanto, de uma forma *escolar*, o percurso posterior do jovem ciclista é em princípio regulado segundo estas indicações, conjectura que leva em conta tanto as especificidades fisionómicas do atleta quer certa intuição do seu *talento*. Falo, por conseguinte, de um programa, daquilo a que numa fase posterior se chamará *gestão de carreira*. Salvo casos pontuais – e são estes os que me interessam – o jovem *trepador* tenderá a ser um *trepador*, o *rolador*, isso mesmo, um *rolador*, e o mesmo vale para as restantes disciplinas. Ainda assim, disse que para o efeito – esta clarificação desta imagem da língua atlética – me interessam as excepções. Lembra-me um caso: o francês Laurent Jalabert (1968, Mazamet). *Jaja* inicia a carreira como velocista, discutindo provas ao sprint e vencendo muitas delas. Era essa a sua inclinação desde jovem formando, o seu programa. Contudo, por meados da década de noventa a carreira de Jalabert

sofre uma transformação decisiva, fazendo-se o francês um atleta capaz de lutar pela vitória geral final em provas de longa duração, as chamadas Grandes Voltas; disso é exemplo o categórico triunfo na Vuelta a España de 1995 (pela equipa ONCE). Jalabert é então um ciclista mais completo, *polivalente*, perdendo, é certo, alguma da sua capacidade em termos de finalização, mas dotado de potencialidade e consistência atléticas ímpares, fazendo dele um nome cimeiro da sua geração. Mais interessante é todavia a fase final da carreira de Jalabert, em especial as épocas de 2001 e 2002, ano em que ao serviço dos dinamarqueses da CSC termina a carreira profissional. *Jaja* é nesta altura um corredor sobretudo interessado nas classificações de melhor trepador das Grandes Voltas, sagrando-se, em ambas as épocas, *meilleur grimpeur* do Tour de France. Em suma: um velocista nato, enquanto jovem, torna-se depois um atleta de todo-o-terreno, um polivalente, e termina a carreira como, enfim, um ciclista de alta montanha. Não havia pois programa que domasse o talento e a excelência de Laurent Jalabert. Dir-me-ão que se trata de um exemplo *excepcionalmente* excepcional: mas, com efeito, são estes os que me interessam para pensar a língua, isto é, o uso despragmatizado da língua – o uso excepcional da língua.

A língua ensinada – o aprender a pedalar, portanto – tem naturalmente muito que ver com um lugar chamado gramática, disciplina (e penso-a tanto como *existente* como *ocorrente*, nome e verbo) instituída, a gramática, sobre o manejo da língua. Trata-se, no fundo, de um programa legislativo, indispensável a uma correcta apreensão do signo, das suas posturas de inter-relacionamento, e à intuição de toda a malha discursiva em si apoiada. Exposto perante a língua – e aqui conviria, claro está, por em evidência uma diferença decisiva e prévia: em que língua pensamos: língua materna ou língua estrangeira? – o falante tem na gramática a segurança para, como o jovem ciclista, conquistar um primeiro equilíbrio sobre a mesma, uma espécie de domínio. Da mesma forma que o bebé descobre e aprende o surpreendente gesto do caminhar. Ensinada e apreendida a máquina linguística pode, o falante, porque tem as ferramentas e aptidões *para*, ensaiar o uso a fazer da língua. Mas, e por isso a imagem do ciclista, a esse mesmo uso da língua parece estar sempre associada uma selecção, uma categorização dos espaços linguísticos a percorrer pelo falante. Regra geral, e mesmo sabendo que a língua, sendo uma, tem em cada ser a sua realização personalizada, as suas escolhas, o terreno linguístico em que insistirá o falante muito deverá, com certeza, a contextos exteriores a essa mesma língua: aspectos tão particulares como a actividade profissional do falante podem, a meu ver, clarificar essa demarcação incutida sobre o exercer da língua. Tal como o jovem ciclista com inclinação de velocista programa o seu treino, o seu melhoramento, de acordo com essa vocação, também o aspirante a técnico de informática tende a encaminhar a

sua disponibilidade linguística em função desse campo específico. Seriam ambos exemplos de uma natural especialização, em vista de uma mais sólida capacidade performativa nas respectivas actividades. E, de facto, assim deve ser.

O que porém aqui me interessa propor, e retomando o exemplo excepcional do ciclista francês, é a superação desse mesmo programa de controlo e especialização do corpo-língua, atitude a que, como vemos, depressa se lhe vem juntar uma outra, que lhe é a bem ver própria, a da disponibilidade poética da língua. A este respeito, data de 2001 um estudo de Alberto Pimenta a que muito deve a intenção destas linhas: trata-se de “A dimensão poética das línguas”, incluído no volume *O Silêncio dos Poetas* (2003). É assumindo esta dimensão poética das línguas, aqui evocada segundo uma perspectiva que tanto tem de singular, particular, como de universal, *a língua*, que penso o intuito de superar o uso comum e normativo da língua com vista a uma optimização da produtividade do falante do manejo da mesma. Interessa-me, pois, e sendo o ensino das línguas e literaturas o propósito prévio deste texto, pensar como esse mesmo ensino pode fomentar essa atitude atlética no tratamento da língua, pelo qual, na sua polivalência e ecletismo, a língua se tende a oferecer à boca e à mão potencialmente nua. Disposição muito próxima deste ponto de vista pedagógico é a que encontramos na noção de *poesia como estratégia*, que José António Franco, em livro homónimo (1999), tão bem argumenta: a presença da poesia junto do aluno como forma de educar e agilizar o seu ritmo de aprendizagem, o seu cuidado criativo, o seu gosto, a sua atitude perante o texto, o texto literário. No entanto, a noção de poesia como *estratégia* de que aqui me assisto, nesta perspectiva do ensino da língua e da literatura, não terá tanto em conta um horizonte pedagógico – concentrado na instância da aprendizagem – mas, sobretudo, artístico, amparado no usufruto aberto da língua. E penso esta postura formativa, tutorial, concomitante ao interesse estético da língua, em vista da partilha de poéticas que de modo geral – e evitando a ainda pertinente discussão a nível terminológico – poderemos evocar sob a designação mais larga de *poéticas experimentais*, cujo tratamento emancipado para que remete o objecto linguístico me parece em concordância com a referida atenção a uma abertura e a um ecletismo próprios do talento orgânico da língua.

Diante do concreto da língua, dela mesma, sem mais nada, convidam-se à revelação e à descoberta os namoros profundos da palavra, da sua respiração mais inesperada e escusa, que o uso do quotidiano, superficial, parece ignorar. Desta atenção mais próxima à palavra, interessada nos seus espaços, será exemplo um poema de Emmett Williams, o já célebre *Soldier*, em que a um primeiro espaço de leitura, a palavra em si, “soldier”, se lhe vem juntar, e demarcado visualmente no poema, um segundo espaço (segundo?), que afinal lhe é nuclear.

Cito Alberto Pimenta: “Esta superação de atributos e qualidades (supressão de psicologia e narração) é outra das marcas da poesia concreta. Interessa revelar núcleos escondidos no fundo da periferia das palavras, buracos negros no meio do universo das luminária lexicais e gramaticais e semânticas.” Prossegue: “Tomai, vocês que se servem da palavra *soldier* como da palavra *ketchup* (e até nem é totalmente descabido!), tomai o que está lá dentro da palavra, escondido, afogado, disfarçado: *DIE!* Um verbo dentro de um substantivo, um ocorrente dentro de um existente, um ocorrente que põe fim ao existente, o que é natural. Sema nuclear de *soldier*: aquele homem que é para matar e morrer.” E ainda: “É natural, mas curiosamente só em inglês! Foi a língua inglesa que lá chegou, ou foi o poeta que a fez lá chegar? Sem a língua inglesa nada feito, mas sem o poeta também não. A língua trazia já isso em si, o poeta revelou-o, ultrapassando assim a dimensão da enunciação trivial” (Pimenta, 2003: 102). Quero crer que, da perspectiva do formando em língua inglesa, exposto perante esta dimensão viva da palavra, não mais lhe será igual a enunciação do termo “soldier”, uma palavra com outra dentro, e, como vimos, com um alcance relacional tão significativo e profundo.

Um outro poema, este de António Barros, *Escravos* (1977), poderá exercer sobre o formando em língua portuguesa efeito semelhante àquele que o poema de Emmett Williams conseguira sobre o de língua inglesa. Nele, mediante uma construção visual do poema em que encontramos a palavra “escravos” repetida verticalmente, como uma coluna, uma coluna de “escravos”, vemos, porque estamos de facto a ver a língua, o apagamento subtil e localizado da primeira sílaba da palavra. Ora, a palavra descoberta através desse processo, posta a nu, revelada, “cravos”, pensada em relação com a dominante, “escravos”, traz perante o leitor/observador a evidência do poema: “cravos”, símbolo de uma época da história recente portuguesa, a Revolução do 25 de Abril de 1974, impondo a democracia sobre o regime ditatorial anterior, em que em vez de “cravos” lhe encontrávamos naturalmente associada a palavra “escravos”. Interessante é o ressurgimento, também subtil, dessa primeira sílaba, apagada para revelar o signo da liberdade: os “escravos” voltam a mostrar-se sobre os “cravos”, substituindo-os. Da mesma forma que a descoberta do “die” dentro do “soldier” de Emmett Williams requalifica a atenção do falante perante este segredo da língua inglesa, também o *Escravos* de António Barros oferece à apreensão dessa mesma palavra, “escravos”, a possibilidade de nela ver, em diálogo concreto, um pedaço da história do Portugal do século XX.

É do poeta brasileiro Haroldo de Campos o terceiro exemplo desta postura versátil e eclética da língua posta em evidência pela poesia concreta. Haroldo de Campos publica em 1984 o volume *Galáxias*, no qual trabalhara entre as décadas de 60 e 70. Vejamos alguns

momentos das matérias verbais aí expostas:

fecho encerro reverbero aqui me fino aqui me zero não canto não conto  
não quero anoiteço desprimavero me libro enfim neste livro neste voo  
me revôo mosca e aranha mina e minério corda acorde psaltério musa  
nãomaisnãomais que destempero joguei limpo joguei a sério nesta sede  
me desaltero me descomeço me encerro no fim do mundo o livro fina o  
fundo o fim o livro a sina não fica traço nem seqüela jogo de dama ou  
de amarela cabracega joga da velha o livro acaba o mundo fina o amor  
despluma e tremulina a mão se move a mesa vira verdade é o mesmo que  
mentira ficção fiação tesoura e lira que a mente toda se ensafira e  
madriperla e desatina cantando o pássaro por dentro por onde o canto  
dele afina a sua lâmina mais língua enquanto a língua mais lamina  
aqui me largo foz e voz ponto sem nó contrapelo onde cantei já não  
canto onde é verão faço inverno viagem tornaviagem passand' além  
reverbero não conto não canto não quero descadernei meu caderno  
livro meu meu livrespelho dissei do livro que escrevo no fim do  
livro primeiro e se no fim deste um um outro é já mensageiro do  
novo no derradeiro que já no primo se ultima escribescravo tinteiro  
monstro gaio velho contador de lériaslendas aqui acabas aqui  
desabas aqui abracadabracabas ou abres sèsamoteabres e setestrelas  
cada uma das setechaves sigilando à tua beira à beira-ti beira-  
nada vocêvoz tutresvariantes tua gaia sabença velhorrevelho contador  
de palavras de patranhas parêmias parlendas rebarbas falsário de  
rebates finório de remates useiro de vezos e vezeiro de usos  
tuteticomigo conosco convosco contigens est quod potest esse et  
non esse tudo vai nessa foz do livro nessa voz e nesse vós do livro  
que saltimboca e desemboca e pororoca nesse fim de rota de onde não  
se volta porque no ir é volta porque no ir revolta a reviagem que  
se faz de maragem de aragem de paragem de miragem de pluma de  
aniagem de téssil tecelagem monstrogaio boquirroto embarcado o  
teu solo mais gárrulo colapsas aqui nestse fim-de-livro onde a fala  
coalha a mão treme a nave encalha mestre garço velhorrevelho

(...)

Assim tratada, pela mão do poeta, a língua parece não ter onde acabar. As palavras descobrem-se a sedução, namoram-se, fazem-se umas dentro das outras, e o verso flui, musical, abstraída a língua, a língua portuguesa, da sua organização gramatical. Disse atrás que se tratava de ginástica, não de gramática: e parece-me, com efeito, ver neste tratamento democrático a que o poeta submete a língua, uma concretização plena desse seu uso musculado e imprevisível, porque estético. Numa óptica semelhante poderíamos, da mesma forma, atentar noutro tipo de tratamento de matérias verbais de alguma forma *estabelecidas*, o re-tratamento de textos literários, nos quais a língua já se moldou segundo uma intenção estética – a do autor. Disso seria exemplo, na literatura portuguesa, a re-escritura de Luís Vaz de Camões pela poesia experimental portuguesa, pertinentemente documentada por Rui Torres em estudo discriminado na bibliografia apensa, e de que cito: “Uma das tendências da poesia experimental portuguesa é o questionamento da tradição literária, invocando desse modo uma discussão acerca do que se entende por inovação. Re-textualizações de obras consideradas clássicas tornam-se neste âmbito estratégias de renovação e tradução, como se verificou nas transformações operadas com a obra de Luís Vaz de Camões.” Além da releitura proposta por Herberto Helder, sobre a qual incide o estudo, prossegue o autor assinalando as experimentações de outros autores como as de Ana Hatherly “sobre um vilancete de Camões, publicadas no *Anagramático*, em 1970; as modalidades de reescrita de textos clássicos que Pedro Barbosa realizou com os programas ‘Texal’ e ‘Permuta’, em 1975, com uma intenção crítica de textos clássicos, introduzindo-lhes variações de sentido; o livro *Re-Camões*, de E.M. de Melo e Castro, de 1980, totalmente dedicado à tarefa de des(cons)truir o grande poeta; e vários textos de Alberto Pimenta, que absorvem e transpiram o autor dos *Lusíadas*” (TORRES, 2006: 58).

Trouxe anteriormente a este texto a imagem de Laurent Jalabert, o campeão francês que, em suma, experimentou e venceu todas as disciplinas possíveis sobre uma bicicleta de estrada. Não houve programa nem gramática que fizesse da sua uma carreira, por exemplo, de *sprinter*, como a do italiano Mario Cipollini, ou de *escalador*, como o entretanto falecido e também italiano, Marco Pantani – pese embora o extraordinário mérito de ambas. *Jaja* teve na polivalência, e na disponibilidade física para tal, o embalo para essa experimentação vária em que se iniciara quando, ainda jovem aprendiz, lograra aquele primeiro equilíbrio sobre a bicicleta, imagem a que associo o aprender da língua, dos seus equilíbrios, como forma de, corajosamente, lhe procurar depois a construção dos desequilíbrios. Ora, creio ver

precisamente nesta capacidade de ensaiar e deliberar a des-programação dos usos automáticos da língua a optimização de uma mais profunda, mais vasta, mais eclética e, sobretudo, mais consciente ocupação do espaço por si oferecido.

Recordo, a este propósito e em sùmula, como exemplo talvez radical, extremo, mas certamente esclarecedor, o estímulo ao manejo completamente livre – porque nem poderia ser de outra forma – de alfabetos e signos de línguas estranhas: partiu de Alberto Pimenta esse convite, em plena aula, e não me ocorre nenhum outro exemplo tão claro como este. Exposto perante o espectáculo de uma imensa e estranha língua, no caso se não estou em erro a fenícia, e reconhecendo proveitosamente o também absoluto desconhecimento do seu programa gramático, do seu código, o falante não terá outra opção que não o aventurar-se assumidamente livre sobre o seu espaço, expondo-se aos seus tesouros. Esta atitude perante a língua poderá ser o lugar máximo no que ao seu ecletismo diz respeito, o de uma anarquia total em que nenhuma regra gere a actuação do falante perante a língua. Quero assim crer que, reconhecendo este como que terapêutico silêncio feito de signos despídos, irreconhecíveis, aventurado nele o gesto e a liberdade, e dele regressando, vem a língua instrumento de comunicação encontrar-lhe pronta uma mais voluntariosa boca, uma mais valente e disponível mão: se há que conhecer uma língua para saber do seu silêncio, é esse silêncio que, igualmente, a pode trazer de volta.

Termino com um poema, em jeito de adenda, como quem quer dar por fechado um texto que não o está, e que nem poderia estar. E também como um sentido agradecimento a todos os presentes e aos senhores Christian Juan Porcar Bataller e Alberto Pimenta, aos quais estas linhas se lhes oferecem dedicadas.

Nostálgicas por natureza, as gentes de nossa cidade cultivam  
a forma verbal houvia.

A hermenêutica dos países vizinhos parece preocupada,  
ao contrário do notável silêncio da academia local.

Além de estranho, é matéria a que os grandes guerreiros  
pouco se dão, sempre muito empenhados  
nas suas tarefas revolucionárias.

Nostálgicas por natureza, as gentes de nossa cidade gostam de criar  
novas palavras.

Hugo Milhanas Machado  
Valência, 30 de Março de 2007

Sumário bibliográfico:

ADORNO (1970), Theodor W. : *Teoria Estética*, Lisboa, Edições 70.

BELO (1969), Ruy: *Na Senda da Poesia*, Lisboa, União Gráfica.

COELHO (1979), Eduardo Prado: *A Letra Litoral*, Lisboa, Moraes Editores.

FIGUERES (1977), Josep M., SEABRA, Manuel de: *Antologia da poesia visual europeia*, Lisboa, Editorial Futura.

FRANCO (1999), José António: *A poesia como estratégia*, Porto, Campo das Letras.

GÓMEZ (2002), Antonio: *Poesia experimental*, Zafra, Seminario Humanístico de Zafra.

HATHERLY (1975), Ana: *a reinvenção da leitura*, Lisboa, Editorial Futura.

MACHADO (2006), Hugo Milhanas: *Masquerade*, Lisboa, Sombra do Amor-Edições.

PIGNATARI (1977), Décio: *Comunicação Poética*, São Paulo, Cortez & Moraes.

PIMENTA (2003), Alberto: *O Silêncio dos Poetas*, Lisboa, Cotovia.

SARAIVA (1980), Arnaldo: *Literatura Marginal izada*, Porto, Edições Árvore.

SILVA (1982), Vítor Manuel de Aguiar e: *Teoria da Literatura*, 4ª ed., Coimbra, Livraria Almedina.

SOUSA (2004), Carlos Mendes de, RIBEIRO, Eunice: *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa*, Coimbra, Angelus Novus.

TORRES (2006), Rui: “Camões transformado e re-montado: o caso de Herberto Helder”, *Callema*, 1, 58-64.